



A POLIFONIA DA VERDADE:
uma compreensão alvesiana da conjuntura política brasileira (2018)

THE POLYPHONY OF TRUTH:
an alvesian understanding of the brazilian political situation (2018)

LA POLIFONÍA DE LA VERDAD:
una comprensión alvesiana de la coyuntura política brasileña (2018)

Breno Martins Campos*

RESUMO

O objetivo geral deste artigo é relacionar o conceito fundamentalismo religioso com a política na cena pública brasileira dos últimos anos, elegendo como modelo típico-exemplar o uso e o abuso que Bolsonaro e o bolsonarismo fizeram das palavras de Jo 8.32 (“E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”). Como parte integrante de um projeto de pesquisa mais amplo, este artigo se atém aos primeiros discursos de Bolsonaro após o resultado do segundo turno das eleições em 2018. Quanto à metodologia, em diálogo crítico com o *corpus* de Rubem Alves, proponho que a verdade é polifônica e que sua redução a um único sentido por parte de qualquer político com a Bíblia na mão coloca o estatuto da democracia em questão. Assim, os sentidos do fundamentalismo foram tomados de empréstimo da obra e da própria história de vida de Rubem Alves, e atualizados por mim, com vistas à compreensão da cena política brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Verdade. Política. Religião. Fundamentalismo. Bolsonaro. Rubem Alves.

ABSTRACT

The general objective of this article is to relate the concept of religious fundamentalism with politics in the Brazilian public scene in recent years, choosing as a typical exemplary model the use and abuse that Bolsonaro and Bolsonarism made of the words of Jo 8.32 (“And you shall know the truth, and the truth shall you free”). As an integral part of a broader research project, this article focuses on Bolsonaro's first speeches after the result of the second round of elections in 2018. As for methodology, in a critical dialogue with Rubem Alves' corpus, I propose that the truth is polyphonic and that its reduction to a single meaning by any politician with the Bible in hand puts the status of democracy in question. Thus, the meanings of fundamentalism were borrowed from the work and life story of Rubem Alves, and updated by me, with a view to understanding the contemporary Brazilian political scene.

Keywords: Truth. Politics. Religion. Fundamentalism. Bolsonaro. Rubem Alves.

* Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Brasil. ORCID: 0000-0001-7421-4499. E-mail: brenomartinscampos@gmail.com.

RESUMEN

El objetivo general de este artículo es relacionar el concepto fundamentalismo religioso con la política en la escena pública brasileña de los últimos años, tomando como modelo típico-ejemplar el uso y el abuso que Bolsonaro y el bolsonarismo hicieron de las palabras de Jn 8.32 (“Y conoceréis la verdad, y la verdad os hará libres”). Como parte integrante de un proyecto de investigación más amplio, este artículo se atiene a los primeros discursos de Bolsonaro después del resultado de la segunda vuelta de las elecciones de 2018. En cuanto a la metodología, en diálogo crítico con el corpus de Rubem Alves, propongo que la verdad es polifónica y que su reducción a un único sentido por parte de cualquier político con la Biblia en la mano coloca el estatuto de la democracia en cuestión. Así, los significados del fundamentalismo fueron tomados de la obra y de la historia de vida de Rubem Alves, y actualizados por mí, con miras a comprender el escenario político brasileño contemporáneo.

Palabras clave: Verdad. Política. Religión. Fundamentalismo. Bolsonaro. Rubem Alves.

1 INTRODUÇÃO

Discuto neste artigo a aplicação do conceito *fundamentalismo religioso* a apreensões possíveis da conjuntura política brasileira vivida sob o signo do bolsonarismo. Noutros termos, proponho testar se de algum modo o fundamentalismo religioso nos ajuda a compreender o bolsonarismo. Como escrevo ainda no *calor da hora*, estou menos atento ao que é o bolsonarismo – cuja definição me parece tarefa urgente¹ e, ao mesmo tempo, aberta para o futuro – e mais interessado nos acontecimentos de determinado período, de 2018 a 2022, no tocante à questão da categoria *verdade*.² Parece até lugar-comum afirmar que o bolsonarismo tenha se descolado da pessoa de Jair Messias Bolsonaro e que, portanto, a temática do bolsonarismo como movimento há de se fazer presente nos estudos acadêmicos – incluídos os das ciências da religião e teologia – nos próximos anos, pois a instrumentalização da religião é um componente indiscutível do que se convencionou chamar de bolsonarismo.

Como o jornal *Folha de S. Paulo* – doravante, *Folha* – constitui importante repositório de fontes para minha pesquisa (a justificativa vem mais à frente), por curiosidade e responsabilidade acadêmica, tomei o cuidado de colocar o descritor *bolsonarismo* (sem aspas) no campo de busca da edição digital do jornal. O resultado me pareceu surpreendente: 3.798 ocorrências. Mais impactante ainda, a meu juízo, é que antes de 2018 foram somente quatro as vezes em que a palavra *bolsonarismo* havia aparecido na *Folha*, de

¹ Do que eu conheço e posso indicar como introdução aos estudos do *bolsonarismo*, escolho o livro organizado por Leonardo Avritzer, Fábio Kerche e Marjorie Marona (2021) – *Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política* –, dada a amplitude conceitual e material dos capítulos (de autorias diversas), mas, sobretudo, pelo debate proposto quanto ao bolsonarismo ser uma forma de governo (que, agora, teria chegado ao fim) ou um movimento (que, portanto, há de sobreviver ao governo Bolsonaro propriamente dito).

² Como parte de um projeto de pesquisa mais amplo, neste artigo, meus sentidos estão direcionados ao segundo semestre de 2018, pois a íntegra do período histórico em tela não caberia numa só análise.

acordo com os seguintes temas: [1] homofobia (Sá, 8 abr. 2011), [2] armamentismo (Balloussier; Leoni, 18 jun. 2017), [3] direitos humanos (Barros, 24 jul. 2017) e [4] Olavo de Carvalho (Carvalho, 9 out. 2017).

Antes de definições possíveis do conceito fundamentalismo, à guisa de comparação, apresento a definição de *puritanismo* proposta pelo jornalista e polemista Henry Louis Mencken:³ *é o medo assustador de que alguém, em algum lugar, possa estar feliz* (cito de modo livre, sem referência, pois se trata de informação fartamente compartilhada). Fiz uma paráfrase de Mencken quanto ao *fundamentalismo*: *é o medo assustador de que alguém, em algum lugar do mundo, neste momento, possa estar em dúvida*. De modo ainda mais direto, neste artigo, *fundamentalismo* pode ser o medo apavorante de que alguém, em algum lugar, possa crer [ou estar] numa verdade diferente da do bolsonarismo. O fato de o estatuto da verdade bolsonarista variar de acordo com interesses circunstanciais não vem tanto ao caso, pois ela está mais vinculada ao modo de enunciação do que ao conteúdo enunciado.

Epistemologicamente, guiei-me por um diálogo crítico com embasamentos teóricos do *corpus* alvesiano [de Rubem Alves]. Por conseguinte, os sentidos do fundamentalismo – na dupla condição de significado e direção – foram tomados de empréstimo da obra e da própria história de vida do autor, e atualizados por mim, com vistas à compreensão da cena política brasileira contemporânea. Do mesmo modo que encontro no *corpus* alvesiano a problematização necessária para afirmar a polissemia ou polifonia da verdade e nunca sua redução monossêmica a um único sentido ou significado.

Cerca de 90 anos depois do nascimento de Rubem Alves, aos 15 de setembro de 1933, e quase uma década após sua morte, aos 19 de julho de 2014,⁴ não tenho pretensões de apresentar novidades à biografia dele.⁵ Todavia, considero tarefa fundamental apontar a contribuição que minha pesquisa pode trazer à temática [nada original] das relações entre religião e política. Assim sendo, assumo como minha a seguinte proposição metodológica de

³ A história de Mencken, inclusive, está muito ligada à do fundamentalismo nos EUA, não somente pela crítica ácida que fazia aos fundamentalistas, mas, sobretudo, pois foi ele o jornalista mais importante na cobertura – em tempo real [o primeiro a ser transmitido pelo rádio a todo o país] – do julgamento *The State of Tennessee v. John Thomas Scopes*, que também ficou conhecido como *O Julgamento do Macaco*, uma vez que objeto central do processo foi o ensino da teoria da evolução [de Darwin] em escolas públicas dos EUA.

⁴ Para registro cronológico, este artigo foi escrito no final de 2022 e início de 2023.

⁵ [1] Para uma biografia mais longa e rica em detalhes, cf. o livro *É uma pena não viver: uma biografia de Rubem Alves*, de Gonçalo Junior (2016); e [2] para o que eu chamo de uma *biobibliografia* do autor, cf. o livro *A teologia de Rubem Alves: poesia, brincadeira e erotismo*, de Leopoldo Cervantes-Ortiz (2005).

Barbara Kamler e Pat Thomson: “Ao trabalharem com literaturas os pesquisadores podem denominar a(s) conversa(s) em que se envolverão e articular o ‘naco’ de conhecimento que estão oferecendo à comunidade de estudo” (Kamler; Thomson, 2015, p. 45-46). Como o interesse por Rubem Alves extrapola os limites da *comunidade de estudo* [ou campo acadêmico], espero que minhas *conversas* alcancem também outros setores da sociedade [fora da academia universitária].

Informo que as conversas em que me envolvi foram, sobretudo, com o próprio Rubem Alves,⁶ mas também com alguns de seus comentadores [numa espécie de *conversas com quem gosta de Rubem Alves*] e com autores que ele leu – de todo modo, respeitados os limites deste artigo, nem tudo que li e estudei aparece em forma de citação. Quanto ao *naco de conhecimento* que ofereço ao campo dos estudos inspirados pelo legado interdisciplinar do autor, trata-se de uma análise alvesiana da conjuntura brasileira que permite estabelecer relações possíveis entre fundamentalismo religioso e bolsonarismo, a despeito de Rubem Alves ter morrido quase cinco anos antes da chegada de Bolsonaro à presidência da República.

Na esteira de um esforço teórico e empírico de fazer notar e compreender o que há de fundamentalista nas relações de evangélicos com a política em nosso país, minha atenção se dirige ao caso do uso e abuso fundamentalista e político que Bolsonaro e o bolsonarismo fizeram do evangelho de João 8.32 [*E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*]⁷ na campanha eleitoral em 2018 e nos anos de governo (2019-2022), todavia, neste artigo, o destaque está nos discursos do presidente eleito [logo após do resultado do segundo turno do pleito eleitoral].

Não por acaso, a ampla utilização de Jo 8.32 por Bolsonaro, bem como por seu entorno político e seguidores, fez parte da cobertura da imprensa nacional, e as publicações se tornaram um importante repositório de dados para minha pesquisa. Como uma espécie de caderneta de campo – cujas notas, na verdade, foram apenas organizadas por mim, uma vez que escritas por outros autores –, utilizo textos da *Folha*, dentro do seguinte recorte temporal: de 16 de agosto de 2018, dia do início do período de propaganda eleitoral nas ruas e na *Internet*, até 15 de agosto de 2022, véspera do início oficial da última campanha.⁸

⁶ À semelhança da nota anterior, na qual indico algumas leituras para a construção da biografia de Rubem Alves, cito, aqui, apenas dois textos de caráter mais autobiográfico do autor: [1] “Do paraíso ao deserto – Reflexões autobiográficas”, no livro *O enigma da religião* (Alves, 1984); e [2] “Prefácio – Sobre deuses e caquis”, no livro *Da esperança* (Alves, 1987).

⁷ Faço uso da versão da *Bíblia de Estudo Scofield* (2009) – tradução “Almeida Corrigida Fiel” –, por ser a Bíblia fundamentalista por excelência (Campos, 2017).

⁸ Quanto às datas do calendário eleitoral em 2018 e 2022, cf. o sítio do Tribunal Superior Eleitoral [TSE] na

Entretanto, por se tratar de fragmento [ou seção] de pesquisa mais ampla, neste artigo, analiso apenas algumas das primeiras citações do versículo joanino por Bolsonaro, conforme já esclareci, logo após o anúncio do resultado das eleições em 2018.

Segundo Maria Helena Villas Bôas Concone (1998), em pesquisas qualitativas, os jornais podem nos colocar frente a um tipo bem específico de memória, pois têm a faculdade de nos devolver ao calor dos acontecimentos. “Sem outros intermediários, por assim dizer, o material fica aqui também, sujeito à busca de sentido e à reorganização, neste caso através da releitura realizada pelo pesquisador. E não é dizer pouco” (Concone, 1998, p. 131). Portanto, não estou a afirmar que a *Folha* é que esteja em questão, mas aquilo que aponta como objeto exterior, ou seja, a apropriação fundamentalista de um versículo do evangelho de João e seu uso na cena público-política por Bolsonaro – de acordo com minha leitura e interpretação, na condição de pesquisador.

As publicações da *Folha* [como é próprio de todo jornal de circulação nacional] são endereçadas inicialmente para o grande público e podem ser tomadas como reflexo ou sintoma do interesse da população brasileira. Também não seria desajuizado imaginar que outros grandes veículos de imprensa [impressos ou digitais] tenham feito a cobertura dos mesmos eventos de interesse nacional, com pequenas ou significativas variações, de acordo com os compromissos editoriais de cada um. Minha tarefa, portanto, consiste em promover a passagem de questões da atualidade, que têm suscitado debate social, para a condição de objeto de investigação científica, cujos resultados têm como interesse precípua voltar à própria sociedade em forma de conhecimento sistematizado e sempre aberto ao debate.

2 OS SENTIDOS DO FUNDAMENTALISMO SEGUNDO RUBEM ALVES

Antes de tratar propriamente do fundamentalismo na concepção de Rubem Alves, quero lidar com um possível anacronismo que ronda este artigo, ou melhor, prefiro esclarecer que é minha intencionalidade assumir o uso de concepções e ideias alvesianas de um passado recente para a compreensão do tempo presente. Para tanto, valho-me do próprio manejo, mais ou menos livre, que Rubem Alves fazia dos autores que lia e dos quais se apropriava. Cito um exemplo de seu *modus operandi*: na contracapa do livro *A tristeza*

Internet. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/calendario-eleitoral/calendario-eleitoral>. Acesso em: 6 nov. 2022.

de crer: uma teoria da religião em Rubem Alves, de autoria de Giovanni F. Catenaci (2021), Martin Barcala indica que Rubem Alves muitas vezes invocava os nomes dos autores (Feuerbach, Marx, Nietzsche, Freud, Valéry, Wittgenstein, Adélia, Cecília) como um convite ao *baile de máscaras* promovido nas páginas de suas obras. Noutros termos, de minha parte, entendo que Rubem Alves conferiu a si mesmo uma espécie de *licença poética* (ou *teopoética*) no trato de alguns dos autores de sua predileção.

Cito um caso que estou a classificar como anacronismo assumido: em coluna de opinião na *Folha* [*Os vietcongues estão ganhando*], Rubem Alves propõe uma discussão da situação brasileira no final do século passado, em diálogo com o argumento de Santo Agostinho⁹ a respeito de os criminosos – não isoladamente, mas em grupos cada vez maiores – poderem ser classificados como Estados:

É o caso da violência que assola o país. Era costume explicar os crimes como decorrência da miséria, produto de estruturas sociais injustas. Mas hoje a violência urbana não é ação de miseráveis famintos; é ação de organizações ricas, racionais, poderosas, portadoras das armas mais modernas e que agem com uma lógica militar. Eles se riem dos apitos do juiz... Não se trata mais de crime, trata-se de subversão (Alves, 2000).¹⁰

Segundo a lógica de Rubem Alves, Santo Agostinho lança luzes à interpretação do Brasil da viragem do século XX para o XXI não por ser um autor atemporal, mas sim por ter, primeiramente, respondido a questões próprias de seu tempo – o que faz dele um clássico.

Dizer que um pensador é um clássico significa dizer que suas ideias permanecem. Significa dizer que suas ideias sobreviveram ao seu tempo e que são recebidas por nós como parte da nossa atualidade. Não pretendemos afirmar, com isso, que os clássicos se coloquem fora da história. Pelo contrário, são, com frequência, os que pensaram, de modo mais profundo, os temas de sua própria época. E foi precisamente porque pensaram de modo radical o seu tempo que sobreviveram a ele e chegaram até nós. Os clássicos não são atemporais. Eles são parte da nossa atualidade porque são parte das nossas raízes. São, por assim dizer, a declaração da nossa historicidade (Weffort, 2010, p. 7).

Numa discussão acerca da democracia, em outra coluna de opinião [*O espectador*], também publicada na *Folha* e republicada no já mencionado livro de 2020 sobre política, Rubem Alves retoma a questão agostiniana – *que são os bandos de ladrões senão pequenos reinos?* – e arremata: “Trocadas as palavras antigas por palavras modernas, dir-se-ia que

⁹ O excerto de Santo Agostinho a que Rubem Alves se refere está em *A cidade de Deus: contra os pagãos*, Volume I, Livro IV, Capítulo IV.

¹⁰ O mesmo texto, com outro título [*Estamos em guerra*], pode ser encontrado como capítulo nos livros de 2002 (*Conversas sobre política*) e 2020 (*Conversas sobre política para todos os tempos*).

Santo Agostinho, há 1.500 anos, era um comentarista da política brasileira” (Alves, 2006). Por comparação ou paralelismo, a leitura *agostiniana* do Brasil feita por Rubem Alves me autoriza a fazer uma leitura *alvesiana* da conjuntura nacional, embora ele mesmo não tenha vivido para acompanhar o uso fundamentalista e político do evangelho de João 8:32 pelo bolsonarismo. À minha maneira, portanto, estou a considerar que Rubem Alves já se tornou um intérprete clássico do Brasil.

Enfim, posso fazer uma aproximação mais direta à questão do fundamentalismo. Em incursões mais autobiográficas – que julgo passagens seminais de sua obra –, Rubem Alves revela o fato de ter sido um fundamentalista em certa fase de sua vida, com objetivos de obter a segurança ontológica perdida frente à ruína da plausibilidade de seu mundo social. Perderam sentido aqueles que eram seus outros significantes e, assim, ele sucumbiu ao fascínio fundamentalista de atribuir sentido último a suas próprias crenças [a verdade], com desdobramentos para a eternidade, e de somente enxergar no outro alguém a ser convertido, evitado ou eliminado. “E para quem quer que tenha encontrado esta religião o caminho natural a seguir é o de tornar-se um apóstolo da sua verdade” (Alves, 1984, p. 12). Inserido por completo na mentalidade e ética do mundo protestante, decidiu ir para seminário, em Campinas-SP, onde esteve de 1953 a 1957, para estudar teologia e ser ordenado pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil [IPB].

Na biografia escrita por Gonçalo Junior, há dois capítulos que narram o período em questão da vida de Rubem Alves, a saber: “A solidão nos bancos da escola” e “Regras para salvar o mundo” (Gonçalo Junior, 2016). Abordam a importância da igreja como comunidade a conferir a identidade e a solidariedade não encontradas na escola, em seu período no Rio de Janeiro [a partir de 1945], bem como seu encontro com Richard [Dick] Shaull, já no seminário [em 1953], depois do qual Rubem Alves nunca mais foi o mesmo.

Eu era jovem e andava por um caminho plano e seguro. Todos os seus detalhes me haviam sido ensinados. Ele estava todo sinalizado com tabuletas para evitar que alguém se perdesse. Em algumas tabuletas se liam “certezas”. Em outras, “proibições”. Certezas e proibições têm importantes funções psicológicas. As certezas nos dizem que já encontramos a verdade. Quem já encontrou a verdade deixa de procurar. As certezas, então, embalam a inteligência que se põe a dormir. É tranquilizante saber-se possuidor da verdade. Eu vivia tranquilo. As proibições, por sua vez, nos dizem o que não se pode fazer. Sabendo-se o que não se pode fazer somos libertados da terrível necessidade de tomar decisões (Alves, 2002).

Destaco a noção de que *as certezas nos dizem que já encontramos a verdade*. Informa-nos, na sequência, o então fundamentalista e jovem Rubem Alves, com 19 anos de

idade, que havia se matriculado numa escola de ensino de certezas e proibições: o seminário teológico da IPB, em Campinas-SP. Ele era ainda um caminhante das planícies, com destinos visíveis [e garantidos pela teologia oficial], ainda não havia se tornado um habitante dos abismos e dos mistérios – sem nenhuma teleologia definida ou visível em meio às brumas da vida como ela é.

Foi no seminário que Rubem Alves encontrou aquele homem que andava na direção contrária – era o Shaull.

O estranho não disse nada. Mas os seus olhos apontaram. E os meus olhos se abriram. Experimentei então os medos e os risos das dúvidas. Pois não é isso que experimenta o alpinista que escala o Aconcágua? O risco da morte bem vale a emoção dos desafios! Os que não suportam dúvidas jamais escalam picos; eles ficam nas planícies andando pelos caminhos conhecidos e seguros. Experimentei a alegria e o sofrimento de ter de tomar decisões sem que ninguém me desse ordens ou proibições, tendo apenas o meu próprio coração como conselheiro. Troquei o caminho que leva aos céus pelos muitos caminhos que levam ao mundo. E assim tenho andado pela vida afora, sem certezas e sem proibições... Tudo por causa do olhar daquele homem... (Alves, 2002).

O mundo orientado por tabuletas de *certezas e proibições* é uma imagem bem construída da maquinaria dualista do fundamentalismo. Entretanto, segundo minhas opções, tenho de assumir de qual fundamentalismo estou a tratar em Rubem Alves – e o faço por meio da apresentação de dois modelos possíveis. No primeiro, valendo-me da comparação proposta por Zwinglio Mota Dias (2009), fundamentalismo é aquilo que Rubem Alves chamou de *Protestantismo da Reta Doutrina* [PRD], cuja característica é “o fato de privilegiar a *concordância com uma série de formulações doutrinárias*, tidas como *expressões da verdade*, e que devem ser afirmadas *sem nenhuma sombra de dúvida*, como condição para participação na comunidade eclesial” (Alves, 1982, p. 35). No segundo, que não deixa de ser uma variação do primeiro, ainda que os tempos mudem, assim como se alteram as perguntas ou demandas das sociedades, as respostas já estão dadas de antemão – a linguagem das respostas pode até mudar, mas o conteúdo é intocável. A diferença que eu enxergo entre os modelos é a seguinte: no primeiro caso, é preciso saber dizer com as palavras corretas qual é a verdade que liberta [algo mais catequético], no segundo, basta vociferar que a verdade liberta [algo mais espontaneísta].

Para ilustrar o segundo caso, com seu peculiar estilo, Rubem Alves nos oferece uma imagem em movimento [construída por palavras]: “O que importa na caracterização do fundamentalismo não são as ideias que ele afirma, mas o espírito com que ele as afirma. Não basta mudar as garrafas na prateleira. Se as prateleiras não são modificadas o ‘arranjo’ permanece o mesmo” (Alves, 1984, p. 11-12). De modo que o fundamentalismo é mesmo

estrutural e estruturante.

Metodologicamente, opto pelo segundo modelo de fundamentalismo extraído do próprio *corpus* de Rubem Alves, que é mais aberto e amplo do que o primeiro – este, por sua vez, talvez seja mais clássico [tradicional], dado seu caráter mais estrito. No conjunto da obra de Rubem Alves, as ideias e arrazoados nem sempre se expressam tão somente por argumentos que apelam à razão, mas, como já demonstrei, também por imagens – tanto num caso como noutro com grande respeito à palavra. Assim, num deslocamento por expansão, ele mesmo nos permite passar do fundamentalismo [protestante] no singular para os fundamentalismos no plural, por meio de um jogo de palavras. A imagem das garrafas e das prateleiras revela a estrutura fundamentalista, que antecede os próprios termos e sua utilização, isto é, os fundamentalismos se descolaram do fundamentalismo originário, aquele do protestantismo histórico estadunidense da segunda metade do século XIX e início do XX.¹¹

De modo também interessante, Júlio Paulo Tavares Zabatiero propõe que uma das fortes seduções do fundamentalismo [na condição de uma *estética do existir*] é oferecer um “fundamento existencial seguro – a identidade fixa, que fundamenta o sentido da vida, uma autoridade suprema pseudo-autônoma que nos livra da liberdade de viver sem Deus e contra Deus” (Zabatiero, p. 19, 2008). O fundamentalismo como *fundamento religioso inabalável* promove e oferece *um deus controlável* (Zabatiero, p. 19, 2008). Assim, a sedução dos fundamentalismos religiosos [e também os de outra natureza], de fato, encontra pouca concorrência em outros discursos e modos de ser próprios de nossos tempos. Por óbvio, fundamentalistas religiosos de várias matizes, conscientemente, talvez não possam concordar com a terminologia de Zabatiero, mas é difícil que discordem – pelo menos, para si mesmos – dos desdobramentos do fundamentalismo como geração de certezas e de proibições e, por conseguinte, do gozo experimentado em face de um *deus controlável*.

3 OS SENTIDOS DA VERDADE SEGUNDO RUBEM ALVES

No livro *O poeta, o guerreiro, o profeta*, Rubem Alves (1992)¹² oferece uma recriação

¹¹ Por coerência com o escopo deste artigo, não apresento uma discussão ampla dos usos e significados de *fundamentalismo*, por exemplo, para além do *corpus* alvesiano ou contra ele. Para uma visão acerca das múltiplas possibilidades do uso do conceito fundamentalismo, na interface da religião com a política, indico a leitura do meu artigo “A exclusão do outro na história do mesmo: uma tentativa nova de classificar o velho fundamentalismo religioso” (Campos, 2018).

¹² A cronologia das obras de Rubem Alves organizada por Cervantes-Ortiz indica que o livro saiu,

[que é recreação, ao mesmo tempo] em torno do conto *O afogado mais bonito do mundo*, de Gabriel García Márquez (2021),¹³ muito cara a uma discussão *teopoética* quanto ao estatuto da verdade. Segundo a classificação de Cervantes-Ortiz, trata-se de um livro do último período da produção de Rubem Alves, que vai de 1982 em diante [pelo menos, até os tempos em que o pesquisador encerrou a categorização das obras alvesianas]:

Períodos das “realizações”, obras que, a partir, sobretudo, de *Creio na ressurreição do corpo* (1982), já manifestam uma clara definição do novo modo teológico de pensar. O que no período anterior [1975-1982] era somente busca e intuição manifesta-se em concreções muito próximas da literatura, pela conjunção de elementos simbólicos, poéticos, teológicos, religiosos e autobiográficos (Cervantes-Ortiz, 2005, p. 46-47).

De acordo com a narrativa de García Márquez, a chegada do corpo grande de um homem morto [posteriormente, batizado de Estêvão] à praia de um pequeno vilarejo do Caribe, acostumado com suas mesmices e peculiaridades entranhadas, mudou a vida das pessoas aldeãs, a começar pelas mulheres, bem como os humores próprios da aldeia. Ao fazer variações sobre o tema dado pelo conto original, Rubem Alves imagina que, em determinado momento, estudiosos do caso se dividiram em face dos textos produzidos a respeito do defunto *bonito e bobo*, sua chegada à vila e a transformação operada na vida dos habitantes locais. De um lado, estavam os que se nutriam da arte da desconfiança, para os quais os dados registrados não podiam ser firme fundamento para nenhum conhecimento definitivo sobre o passado nem sobre o presente. De outro, localizavam-se os que podemos chamar de fundamentalistas:

Alguns se satisfizeram com os testemunhos registrados nos documentos, e acreditavam que o que diziam era verdadeiro. Afirmavam que tais documentos eram narrativas dignas de crédito e que neles se encontravam descrições literais de *wie es eigentlich gewesen ist* [“como de fato aconteceu”, em tradução livre]. Passaram a ser conhecidos por sua constante repetição do *slogan* “está escrito”. “Está escrito”: este fato significava que suas pesquisas haviam chegado ao fim. Havia encontrado o fundamento que procuravam (Alves, 1992, p. 67).

primeiramente, em 1990, em inglês: “*The poet, the warrior, the prophet*. Londres-Filadélfia, SCN-TPI” (Cervantes-Ortiz, 2005, p. 230). Embora o *copyright* da edição brasileira (pela Editora Vozes) seja de 1991, vou usar 1992 como referência para a publicação, pois o livro não possui ficha catalográfica formal, mas oferece a seguinte informação: “Este livro foi composto e impresso nas oficinas gráficas da Editora Vozes Ltda. em maio de 1992” (Alves, 1992, p. 4). Mais tarde, foi publicada outra versão do livro pela Editora Loyola, com o título *Lições de feitiçaria* (Alves, 2003), na qual se encontram pequenas variações, inclusive um subtítulo [“meditações sobre a poesia”] e um prefácio.

¹³ Em texto publicado na *Folha*, Rubem Alves informa que é um devorador de livros, na verdade, um antropófago, pois só lê aqueles escritos com sangue. “Depois que os devoro, deixam de pertencer ao autor. São meus porque circulam na minha carne e no meu sangue. / É caso do conto *O Afogado Mais Bonito do Mundo*, de Gabriel García Márquez. Ele escreveu. Eu li e devorei. Agora é meu. Eu o reconto” (Alves, 26 jun. 2007).

Por uma questão de conveniência [quanto à linguagem, no caso], proponho como alternativa à tradução, *como de fato aconteceu*, uma paráfrase, *como foi de verdade*, pois insisto que é o estatuto da verdade que está em questão neste artigo. Talvez não seja demasiado relembrar que a fórmula *está escrito* tem uma potência incomensurável no universo fundamentalista. De um lado, ela põe fim a discussões por não deixar nenhuma sombra de dúvida, como deseja, por exemplo, o PRD, haja vista tratar de realidades indiscutíveis, garantidas por uma autoridade soberana inquestionável [um *deus controlável*]; de outro, ela é a prateleira [ou estrutura] na qual as garrafas são arranjadas e rearranjadas: as palavras podem até mudar ou suas posições podem ser alteradas, desde que estejam na Bíblia.

Quero deixar claro que, do fundamentalismo original, o da inerrância das Escrituras, para os fundamentalismos religiosos em geral, algumas mudanças significativas ocorreram: o *está escrito* vale mais por quem diz [princípio de autoridade ligado à pessoa] do que pelo que está escrito propriamente [princípio de autoridade ligado ao texto]. Não por acaso, o versículo 32 do capítulo 8 do evangelho de João nunca foi colocado em seu devido contexto histórico-teológico. *A verdade que liberta* é adaptável e mutável, de fato, trata-se de uma modelagem em relação a qualquer que seja seu anúncio e temática, desde que sustentada pela fórmula encontrada em Jo 8.32, às vezes, proferida aos gritos [pelo político de plantão].

É de chamar a atenção que, num misto de ficção e realidade, o apêndice alvesiano acrescido à estória de García Márquez, vale-se do termo *fundamento* para nomear o objeto último que estava a ser procurado [por aqueles especialistas do texto]. Para um fundamentalista religioso, a expressão *está escrito* é complementada implicitamente por outra, qual seja, *na Bíblia*, o que é assumido, no mínimo, de maneira tácita, por toda a comunidade dos falantes – no protestantismo, por exemplo. Talvez o jogo linguístico seja ainda mais forte, a ponto de a fórmula *está escrito* ser tomada como sinônimo de *Bíblia*.

Na crônica *Sou obrigado a votar...*, dedicada a refletir acerca da obrigatoriedade do voto no Brasil, Rubem Alves descreve a figura de um candidato que posava de pregador evangélico sempre com a Bíblia na mão [sem mencionar, ao certo, de quem está a falar] e, em seguida, amplia a abrangência de sua opinião, passando da pessoa em si para o modelo que ela representa, podendo, portanto, estar a falar de muita gente [e de épocas diferentes da sua]:

Candidato com a Bíblia na mão está dizendo: “Tenho ligação direta com Deus”. Exorcizo.

Quem acredita ter ligação direta com Deus não precisa ter ligação com os homens. Se sei o que Deus deseja, por que perder meu tempo com aquilo que os homens desejam? Todo político que cita Deus é um ditador em potencial (Alves, 2002, p. 68; Alves, 2020, p. 64).¹⁴

Nada mais oportuno do que tais ideias para nos aproximarmos dos acontecimentos que colocaram esta reflexão em movimento. Após ter sido eleito presidente do Brasil, aos 28 de outubro de 2018, Bolsonaro fez um vídeo ao vivo nas redes sociais, no qual agradeceu sua vitória a Deus, às equipes médicas que o atenderam depois da facada [aos 6 de setembro de 2018, na cidade mineira de Juiz de Fora], aos internautas que acreditaram nele e, é claro, ao conjunto de brasileiros [seus eleitores] que haviam entendido a verdade do que estava se passando no país. Enfatizo: segundo a linha discursiva adotada, Deus havia feito o povo entender a verdade. Em cima da mesa usada para a transmissão da *live* de Bolsonaro, havia um exemplar da Bíblia, a Constituição brasileira de 1988, o livro *Memórias da Segunda Guerra Mundial* de Winston Churchill¹⁵ e a obra *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota* de Olavo de Carvalho (Bolsonaro, 2018).

No discurso, depois transcrito em forma de texto, o presidente eleito faz algumas menções à verdade:

Fizemos uma campanha não diferente dos outros, mas como deveria ser feita. Afinal de contas, a nossa bandeira, o nosso slogan eu fui buscar naquilo que muitos chamam de caixa de ferramenta para consertar o homem e a mulher, que é a Bíblia Sagrada. Fomos em João 8:32 “e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”.

Nós temos que nos acostumar a conviver com a verdade. Não existe outro caminho, se quisermos a paz e a prosperidade. A verdade tem que começar a valer dentro dos lares. Até o ponto mais alto que é a Presidência da República.

O povo mais que o dever tem o direito de saber o que acontece no seu país. Graças a Deus, essa verdade o povo entendeu perfeitamente. Alguém sem um grande partido, sem fundo partidário, com a grande parte da grande mídia o tempo todo criticando, colocando-me numa situação muitas vezes próxima a uma situação vexatória.

[...]

Temos condições de governabilidade, dado os contatos que fizemos ao longo dos últimos anos com parlamentares. Todos os compromissos assumidos serão cumpridos, com as mais variadas bancadas, com o povo em cada local do Brasil em que estive presente. E, fazendo um pequeno aparte: nada mais gratificante do que quando estive em Manacapuru, no

¹⁴ No caso desta citação, não consegui acessar o texto original, se publicado no *Correio Popular* ou na *Folha*.

¹⁵ No livro *Tormenta*, a jornalista Thaís Oyama narra que, em julho de 2018, o então candidato Bolsonaro “se reuniu com colaboradores a fim de se preparar para uma entrevista ao programa *Roda Viva*” (da TV Cultura) e foi informado que seria questionado quanto a seu livro de cabeceira. Recebeu a seguinte sugestão: uma biografia do Churchill. Na sequência, deu-se o seguinte diálogo: “Quem?” (perguntou Bolsonaro). “Winston Churchill, o primeiro-ministro britânico” (responderam os colaboradores). “Esse nome eu não vou lembrar” (Bolsonaro). “Então diz que é a Bíblia” (colaboradores). “Beleza” (Bolsonaro). Qual não foi a surpresa de todos, “quando, no último bloco do programa, veio a pergunta sobre o livro preferido. Bolsonaro hesitou apenas um segundo antes de responder que era *A verdade sufocada*, de autoria do torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra” (Oyama, 2020, p. 192-193).

coração do Amazonas, conversando com pessoas simples, mas que tinham sede de conhecer a verdade e de conversar com alguém que realmente os tratava com o devido respeito e consideração (Bolsonaro, 2018).

Salvo melhor juízo, nenhuma definição do que seja a verdade, a não ser tudo aquilo que é proferido por ele mesmo [Bolsonaro] ou pelo grupo que sustenta seu pensamento. Faço notar que a verdade mencionada por Bolsonaro em seu discurso é um tanto discriminatória e não libertária como se pretende, pois atribui a todas as pessoas a condição ontológica de precisar de *conserto* – quer dizer, até mesmo a quem recusa tal concepção religiosa da vida e da humanidade, por certo, vinculada à teologia do pecado original. Além disso, começa por afirmar e confirmar que a Bíblia [um livro religioso adotado como regra de fé e prática apenas por uma parcela da população brasileira] teria lugar de destaque em questões de governo e até de Estado durante o mandato de Bolsonaro à frente do Poder Executivo, mas também, sob sua influência, nos Poderes Legislativo e Judiciário.¹⁶

Naquele mesmo domingo do segundo turno, dia 28 de outubro de 2018, Bolsonaro voltou a falar sobre sua vitória, em discurso preparado para as emissoras de televisão, cujo conteúdo bem abrangente apresenta-se emoldurado por expressões religiosas: na abertura, “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. /Nunca estive sozinho. Sempre senti a presença de Deus e a força do povo brasileiro”; e, na conclusão, “Brasil acima de tudo! Deus acima de todos! /Muito obrigado” (Resultado das urnas..., 2018). O discurso é como uma pintura ou retrato do projeto bolsonarista para o país dentro da moldura religiosa – que não pode, ela mesma, ser desconectada do discurso que emoldura.

De modo intencional, mesmo que sem ter uma Bíblia nas mãos, Bolsonaro se esforçava por evidenciar uma ligação direta com Deus, como numa espécie de caráter salvífico atrelado ou atribuído a si mesmo, tanto por conhecer a vontade divina, cercado que estava por pastores e outros intérpretes da mensagem de Deus, como por ter sido poupado da morte, por milagre divino, no atentado em Juiz de Fora-MG. Numa passagem mais pessoal e messiânica do discurso, o então presidente eleito afirmou: “Durante a nossa caminhada de quatro anos pelo Brasil, uma frase se repetiu muitas vezes: ‘Bolsonaro, você é

¹⁶ No dia seguinte, Igor Gielow analisou na *Folha* essa primeira *live* após o triunfo de Bolsonaro no segundo turno, destacando justamente os livros que estavam sobre a mesa, como uma espécie de recado tanto aos seguidores como aos críticos, passando pelos assustados e desconfiados: a Constituição, para o presidente eleito se apresentar como democrático, as memórias de Winston Churchill, para se relacionar a um estadista, um livro de Olavo de Carvalho, para se afirmar conservador, e uma Bíblia, para se reafirmar como cristão, mantendo certa ambiguidade estratégica quanto a ser católico ou evangélico (Gielow, 2018).

a nossa esperança” (Resultado das urnas, 2018).

Além de estar na abertura do discurso, a palavra verdade aparece outras vezes. Estamos em face de um truísmo: a verdade deve assim ser considerada porquê da fonte que foi emitida só pode sair verdade.

A verdade vai libertar este grande país, e a liberdade vai nos transformar em uma grande nação.

A verdade foi o farol que nos guiou até aqui e que vai seguir iluminando o nosso caminho.

O que ocorreu hoje nas urnas não foi a vitória de um partido, mas a celebração de um país pela liberdade (Resultado das urnas, 2018).

As outras ocorrências fogem ao sentido pretendido por esta discussão: [1] a respeito de o governo Bolsonaro se comprometer a respeitar, de *verdade*, a Federação; e [2] tratar-se de um governo que trabalhará, *verdadeiramente*, para o povo brasileiro. Portanto, novamente, não há muitas pistas do que seja a verdade, talvez com uma novidade, referente à clara associação entre verdade e liberdade, como no versículo joanino: “Liberdade é um princípio fundamental. Liberdade de ir e vir, andar nas ruas, em todos os lugares deste país. Liberdade de empreender. Liberdade política e religiosa. Liberdade de informar e ter opinião. Liberdade de fazer escolhas e ser respeitado por elas” (Resultado das urnas, 2018).

Político com a Bíblia na mão [na mesa ou na voz], de certo modo, candidato a ditador, causava ojeriza em Rubem Alves, como já vimos. Na seção mais diretamente dirigida à política no livro *O poeta, o guerreiro, o profeta*, Rubem Alves reitera que o *mito*, e não utilizo o conceito por acaso, é uma ilusão denunciada pelos profetas como idolatria: *Um ídolo é um objeto* – ou um líder, acrescento eu – “feito pelas mãos do homem [práxis] ao qual se atribui o poder para realizar os desejos do coração” (Alves, 1992, p. 102). Na ordem do mito, a política se torna, por consequência, o *locus* próprio do diabo, que dá poder, mas retira a capacidade de amar: “Ele [o diabo] gosta mesmo é da política, palco preferido para suas aparições, pois não há nenhum outro lugar onde o amor seja tão esquecido” (Alves, 1992, p. 103).

Fecha-se, aqui, um ciclo argumentativo, pois Rubem Alves volta a convocar o mesmo trecho de Santo Agostinho, anteriormente mencionado, a fim de discutir a natureza do Estado: “Ao assim definir o bando de ladrões triunfante Agostinho afirma que a essência do Estado é a impunidade que ele goza para perpetrar a injustiça. Em outras palavras, no Estado o poder constitui a sua própria razão, sem referência alguma ao amor” (Alves, 1992, p. 103). E de nada adianta trocar as pessoas, pois “não são os homens que jogam o jogo do poder; é o poder que joga com os homens” (Alves, 1992, p. 104).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei este artigo a perguntar *se* o conceito fundamentalismo religioso [*lato sensu*] associado à política pode nos ajudar a compreender a conjuntura nacional sob o signo do bolsonarismo. Minha expectativa é que, ao longo do texto e da argumentação desenvolvida, eu tenha conseguido passar do *se* para o *como* o fundamentalismo religioso – e a sustentação de um significado maleável do conceito de verdade, desde que bramido aos quatro ventos – contribuiu para forjar a ascensão de Bolsonaro como mito, fazendo-o chegar à presidência da República, e para manter ativo o bolsonarismo, a despeito de Bolsonaro ter sido derrotado nas eleições em 2022.

Em face de tudo o que expus, nesta seção conclusiva, resta-me construir uma resposta alvesiana plausível ao estado de coisas que se instaurou no Brasil a partir de 2018 – e que há de nos acompanhar nos próximos anos como cidadãos e, ainda, como cientistas da religião interessados nas relações formais e informais entre fundamentalismo religioso e política no espaço público. Já deixei claro que este texto representa o início de uma pesquisa mais ampla quanto ao uso e abuso da temática da *verdade que liberta* (Jo8.32) por Bolsonaro e pelo bolsonarismo na história recente de nosso país. Portanto, também a resposta de Rubem Alves, aqui, é parcial e se encontra circunscrita ao capítulo *Beleza e política* do livro *O poeta, o guerreiro, o profeta* (Alves, 1992).

No vilarejo do conto de García Márquez, Rubem Alves enxerga uma comunidade – um mundo, para utilizar de outra forma o linguajar sociológico – em que nada de novidade ocorre, na qual cada momento presente não é outra coisa senão manutenção do passado. A verdade – mesmo que mude de lugar, como garrafas rearranjadas nas mesmas prateleiras – não liberta, pois não pode ser outra coisa senão a eterna repetição do passado.

Antes da chegada do defunto mais bonito do mundo ao vilarejo, a política só podia mesmo ser a “a ciência da administração da ordem existente” e não “a arte de tornar presente o futuro” (Alves, 1992, p. 105). Rubem Alves se defende de antemão – talvez de tanto *apanhar* de seus pares no campo acadêmico [mas sem nunca se esquecer de que foi um homem na contramão que mudou os rumos de sua vida] –, pois vai propor uma política que nasce da poesia: o que “pode parecer nada mais que uma extravagância romântica” (Alves, 1992, p. 107). Trata-se de algo equivalente ao *princípio da beleza*, que arranca nossas raízes do sólido solo do cotidiano, o ‘princípio da realidade’, o lugar onde se desenrola a política normal” (Alves, 1992, p. 108). Contra tal princípio, nada mais coerente do que um governo,

como o de Bolsonaro, que combate a cultura e a arte. A verdade e seus ministérios preferem os pastores aos artistas.

Como profeta, Rubem Alves registra as seguintes palavras [tão contemporâneas, quase irônicas]:

Cada poema é uma encantação, uma prece, uma voz que pede ao poder ausente que retorne. O poeta espera que Aquele que faz viver a beleza no seu coração haverá de trazer de volta o poder às suas mãos: poder gracioso...
A tradição bíblica deu o nome de Messias a esta figura mítica. O Messias é o símbolo deste evento miraculoso: a coincidência efêmera entre o amor e o poder [...] (Alves, 1992, p. 109).

Quanto ao efêmero encontro do amor com o poder, na condição de graça, assim como o pássaro que não pode ser engaiolado, “não pode ser institucionalizado como partido, estado ou igreja. [...] Aparece sob a forma de ‘povo’...” (Alves, 1992, p. 109). Mesmo nomeado por palavra tão desgastada por mentiras e exploração política, o povo “acontece quando o poema se transforma em canção. E é isto que o poeta espera: que o seu poema solitário se transforme em canção, objeto de comunhão” (Alves, 1992, p. 110).

Rubem Alves propõe, portanto, uma política que nasça da beleza e que esta tenha poder de transformar o mundo. Entretanto, para que isso se dê, a voz que o poeta e o profeta ouvem, mormente em condição solitária, deve ser entendida como metáfora. Os textos sagrados não são verdades literais – bramidas pelo religioso ou pelo político fundamentalista –, mas “revelação da magia da poesia” (Alves, 1992, p. 114). É no corpo que se encarna a beleza, “o guerreiro é o corpo que ouviu a voz do poeta, foi possuído pela beleza, e voa como uma flecha na direção do futuro por obra do arco do poder” (Alves, 1992, p. 119).

Eis que posso anunciar aquela que eu considero a crítica mais contundente de Rubem Alves à religião que se associa à política pela senda do poder e não pelo caminho da beleza, pela trilha da teologia da certeza e não pelas veredas da teopoética da beleza. Crítica que vale tanto para movimentos ou partidos de direita ou extrema direita como para os de esquerda ou de extrema esquerda, passando também pelos de centro e suas variantes ora à esquerda ora à direita.

Os teólogos de outros tempos (ah! que saudade eu tenho deles, tão distantes das banais repetições dos clichês politicoides...) falavam sobre o *opus proprium Dei* e *opus alienum Dei*. Há algo que Deus faz, algo estranho e incompreensível, um não assustador... Mas aqueles que pensam que esta coisa estranha é a revelação do coração de Deus se equivocam. A verdade está do outro lado. A verdade é polifônica (Alves, 1992, p. 114).

A verdade é polifônica. A política não vem da ortodoxia ou do dizer corretamente sempre as mesmas coisas, antes, ela nasce da beleza. O fundamentalista considera a verdade,

no máximo, modelável [garrafas que trocam de prateleiras], mas nunca polissêmica. A política poética é em tudo diferente do realismo político. A verdade que liberta não é um grito de que Deus está acima de todos, mas um sussurro de que ele está conosco, no meio de nós. “Sabe o poeta que a tarefa fundadora da política não é a tomada do poder mas a geração de um povo. Mas um povo só vem a existir quando indivíduos separados se descobrem participantes de um mesmo sacramento de fraternidade, o sonho de beleza que todos cantam” (Alves, 1992, p. 117).

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. “... su cadáver estaba lleno de mundo”. **Correio Popular**, Campinas-SP, 10 nov. 2002. Caderno C.

ALVES, Rubem. **Conversas sobre política para todos os tempos**. Barueri: Companhia Editora Nacional, 2020.

ALVES, Rubem. **Conversas sobre política**. Campinas: Verus, 2002.

ALVES, Rubem. **Da esperança**. Campinas: Papyrus, 1987.

ALVES, Rubem. **Lições de feitiçaria**: meditações sobre a poesia. São Paulo: Loyola, 2003.

ALVES, Rubem. O afogado mais bonito do mundo. **Folha de S. Paulo**, 26 jun. 2007. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2606200703.htm>. Acesso em: 21 dez. 2022.

ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Campinas: Papyrus, 1984.

ALVES, Rubem. O espectador. **Folha de S. Paulo**, 4 abr. 2006. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0404200603.htm>. Acesso em: 4 abr. 2022.

ALVES, Rubem. **O poeta, o guerreiro, o profeta**. Petrópolis: Vozes, 1992.

ALVES, Rubem. Os vietcongues estão ganhando. **Folha de S. Paulo**, 9 abr. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofzo904200008.htm>. Acesso em: 4 abr. 2022.

ALVES, Rubem. **Protestantismo e repressão**. 2 reimp. São Paulo: Ática, 1982.

AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (Orgs.). **Governo Bolsonaro**: retrocesso democrático e degradação política. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BALLOUSSIER, Anna Virginia; LEONI, Marcus. Bolsonaro arrebatada direita jovem e nordestina com ideologia 'pá, pá, pá'. **Folha de S. Paulo**, 18 jun. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/06/1893641-bolsonaro-arrebata-direita-jovem-e-nordestina-com-ideologia-pa-pa-pa.shtml>. Acesso em 22 dez. 2022.

BARROS, Celso Rocha de. Chances de vitória de Bolsonaro são a desistência de um Brasil moderno. **Folha de S. Paulo**, 24 jul. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/celso-rocha-de-barros/2017/07/1903722-chances-de-vitoria-de-bolsonaro-sao-a-desistencia-de-um-brasil-moderno.shtml>. Acesso em 27 abr. 2022.

BÍBLIA de Estudo Scofield. São Paulo: Holy Bible, 2009.

BOLSONARO afirma em seu primeiro discurso que terá governabilidade; leia íntegra. Presidente eleito disse também que povo brasileiro entendeu a verdade do país. **Folha de S. Paulo**, 28 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/bolsonaro-afirma-em-seu-primeiro-discurso-que-tera-governabilidade-leia-integra.shtml>. Acesso em 27 abr. 2022.

CAMPOS, Breno Martins. A exclusão do outro na história do mesmo: uma tentativa nova de classificar o velho fundamentalismo religioso. *Religare*, v.15, n.2, 2018, p.354-381. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/religare/article/view/41753/22044>. Acesso em: 5 out. 2023.

CAMPOS, Breno Martins. A verdade ao pé da página: a Bíblia de Scofield e sua influência dispensacionalista no fundamentalismo protestante. In: ALMEIDA, Leandro Thomaz de (Org.). **Rostos do fundamentalismo: abordagens histórico-críticas**. São Paulo: Terceira Via, 2017. p. 49-81.

CATENACI, Giovanni F. **A tristeza de crer: uma teoria da religião em Rubem Alves**. São Paulo: Recriar, 2021.

CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo. **A teologia de Rubem Alves: poesia, brincadeira e erotismo**. Campinas: Papirus, 2005.

CONCONE, Maria Helena Villas Boas. Pesquisa qualitativa nos estudos de religião no Brasil. In: SOUZA, Beatriz Muniz de, GOUVEIA, Eliane Hojaij; JARDILINO, José Rubens Lima (Orgs.). **Sociologia da religião no Brasil**. São Paulo: PUC-SP; Simpósio; São Bernardo do Campo: UMEESP, 1998. p. 125-136.

DIAS, Zwinglio Mota. Prefácio – Sobre palavras apetitosas e criadoras de vida... In: REBLIN, Iuri Andréas. **Outros cheiros, outros sabores...: o pensamento teológico de Rubem Alves**. São Leopoldo: Oikos; Faculdades EST, 2009. p. 13-18.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. O afogado mais bonito do mundo. In: GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **A incrível e triste história da cândida Erêndida e sua avó desalmada**. 27 ed. Rio de Janeiro: Record, 2021. p. 45-53.

GIELOW, Igor. Na primeira live, Bolsonaro usa Churchill contra acusação de fascismo:

eleito tinha memórias do estadista, versão popular da Bíblia, Constituição e polemista à mesa. **Folha de S. Paulo**, 29 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/na-primeira-live-bolsonaro-usa-churchill-contra-acusacao-de-fascismo.shtml>. Acesso em: 27 abr. 2022.

GONÇALO JUNIOR. **É uma pena não viver**: uma biografia de Rubem Alves. Reimp. São Paulo: Planeta, 2016.

INSTITUTO Rubem Alves. Disponível em: <https://institutorubemalves.org.br/>. Acesso em: 3 nov. 2022.

KAMLER, Barbara; THOMSON, Pat. Trabalhando com literaturas. In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy (Orgs.). **Teoria e métodos de pesquisa social**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 45-55.

OLAVO DE CARVALHO, guru do bolsonarismo. **Folha de S. Paulo**, 9 out. 2017. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1580806554520897-olavo-de-carvalho-em-sua-casa-nos-eua#foto-1630391576403349>. Acesso em: 22 dez. 2022.

OYAMA, Thaís. Tormenta. **O governo Bolsonaro**: crises, intrigas e segredos. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

RESULTADO das urnas foi celebração pela liberdade, diz Bolsonaro em 2º pronunciamento. Em rede social, candidato do PSL afirmou que libertará o Brasil de relações com viés ideológico. **Folha de S. Paulo**, 28 out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/o-que-ocorreu-nas-urnas-foi-celebracao-pela-liberdade-diz-bolsonaro.shtml>. Acesso em 27 abr. 2022.

SÁ, Xico. Os machões dançaram. **Folha de S. Paulo**, 8 abr. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fko804201115.htm>. Acesso em 21 dez. 2022.

WEFFORT, Francisco C. **Os clássicos da política**, v. 2. 11 ed. 6 imp. São Paulo: Ática, 2010.

ZABATIERO, J. P. T. Hermenêutica fundamentalista: uma estética do interpretar. **Estudos de Religião**, v. 22, n. 35, p. 14-27, jul.-dez. 2008. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/170/180>. Acesso em: 2 jan. 2023.

Recebido em: 12-01-2023

Aprovado em: 09-10-2023